

a tautologia da necessidade

A Formação do PCB segundo Astrojildo Pereira

Monclar Eduardo Valverde

"Se é possível tirar algumas lições das páginas que se vão ler, a principal delas será sem dúvida a seguinte: que a existência do Partido Comunista, genuína representação política da classe operária, é uma necessidade histórica inelutável, colocada perante os homens em determinada fase do desenvolvimento da sociedade".

(Astrojildo Pereira: "A Formação do PCB". Ensaios históricos e Políticos, S. P. Alfa-Omega, 1979, p. 42, texto escrito em janeiro de 1962).

"Partido genuinamente proletário, constituído pela camada mais consciente e mais combativa do proletariado, o Partido Comunista, por sua mesma natureza, destina-se a ser o intérprete fiel e o guia experimentado dos trabalhadores em suas lutas pela própria emancipação".

(Astrojildo Pereira: "Partido Comunista (SBIC)" – Movimento Comunista, Rio de Janeiro, I(7), junho de 1922).

"Eis porque dizemos que a existência do Partido Comunista do Brasil corresponde a uma necessidade histórica que os fatos do passado demonstraram e são confirmados pelos fatos do presente. O Partido Comunista do Brasil nasceu e cresceu, vive e viverá porque precisamente lhe cabe a missão, como vanguarda consciente da classe operária, de organizar e dirigir as lutas de todo o povo brasileiro contra a exploração econômica e a opressão política, pelo progresso do país e sua libertação do jugo imperialista, pelo socialismo".
(Astrojildo Pereira: "A formação do PCB", p. 61, texto originalmente publicado em 1952).

O Partido Comunista se inscreve na história como seu emblema, a figuração sintética de seu percurso. Tautologia da Necessidade, a história de sua formação revela a própria história como o silogismo da origem, a demonstração recursiva de que o fim está contido no princípio e de que o corpo do tempo não está isento da marca evolutiva.

O Partido Comunista é uma necessidade histórica porque cumpre uma função decisiva. A fala do historiador e teórico, que observa sua "formação" no duplo distanciamento do futuro e da teoria, evoca o real como argumento e assinala a experiência — os fatos — como o atestado definitivo desta evidência. O Partido Comunista é uma necessidade histórica. Somente ele, enquanto "vanguarda consciente da classe operária", sua "genuína representação política", pode assumir o papel que justamente lhe cabe: "organizar e dirigir as lutas de todo o povo. . ." São os fatos — passados e presentes — que o demonstram. E é por isto que o Partido, titular de uma "experiência" se inscreve na História. Sua materialidade institucional, sua experiência enquanto organismo, enquanto instrumento de organização e direção políticas, repousa na substância social do proletariado, da sólida materialidade histórica da classe operária. Antes de ser o ato de vontade que também é, o Partido Comunista é o marco histórico por excelência, signo de maturidade social, enfim, "é uma necessidade histórica inelutável, colocada perante os homens em determinada fase do desenvolvimento da sociedade".

38 Mas, quando se recua no tempo, e, na perspectiva, se passa do discurso teórico para a intervenção militante, torna-se outro o perfil que se evoca do mesmo objeto. Aí o Partido Comunista é ainda uma necessidade histórica. Mas o que, no discurso retrospectivo, aparece como o desempenho de um papel, a função social que justifica sua existência, na intervenção militante surge como uma predestinação. Em 1962, na fala do historiador, o Partido Comunista é uma necessidade histórica porque cumpre uma função decisiva, pensada como "tarefa". Em 1922, no dizer polêmico do militante que o constituiu, o Partido Comunista é uma necessidade histórica para cumprir aquela mesma função, colocada pelo "desenvolvimento da sociedade" e enunciada como destino. Sob a teia discursiva revela-se então a dupla recorrência argumentativa: por um lado, a que se refere ao Partido, em seu papel de vanguarda — Em 22, este papel é um atributo que a história lhe confere como destino: "o Partido Comunista (...) destina-se a ser o intérprete fiel e o guia experimentado dos trabalhadores em suas lutas pela própria emancipação"; em 62, seu caráter de vanguarda deriva do exercício de sua função política: o Partido é a "vanguarda consciente da classe operária" porque "precisamente lhe cabe a missão (...) de organizar e dirigir as lutas de todo o povo brasileiro contra a exploração econômica e a opressão política, pelo progresso do país e sua libertação do jugo imperialista, pelo socialismo". Por outro lado, a recorrência que se revela no móvel estatuto persuasivo da "realidade" — Em 62, a "experiência" é a referência última, o parâmetro através do qual, de modo conclusivo, se demonstra a necessidade histórica do Partido: "... a existência

do Partido Comunista do Brasil corresponde a uma necessidade histórica que os fatos do passado demonstraram e são confirmados pelos fatos do presente"; em 22, a "experiência" reduz-se à condição de uma potencialidade, cuja manifestação, contudo, está prevista e contida no discurso de anunciação: O Partido Comunista destina-se a ser "o guia experimentado dos trabalhadores". A "experiência" não passa então da metáfora a que a fala apologética recorre para validar sua própria retórica. Não é preciso vivê-la; é suficiente tê-la concebido, desde que se associe tal imagem a uma outra simulação do real e da histórica — a "natureza genuinamente proletária" deste Partido, sua presumível composição social: "Partido genuinamente proletário, constituído pela camada mais consciente e combativa do proletariado, o Partido Comunista, por sua mesma natureza, destina-se a ser o intérprete fiel e o guia experimentado dos trabalhadores em suas lutas pela própria emancipação".

Concebida assim como o reino da continuidade, a história não será outra coisa senão a lógica do desdobramento, o campo dedutivo em que as premissas tornam-se conclusões pela alquimia do tempo. Nos extremos deste percurso: a promessa revolucionária e o mito da origem. Daí a necessidade, para quem se encontra eternamente a meio caminho, de explicar o "princípio" e escrever, a posteriori, a história da formação de seu precioso legado.

Se o Partido Comunista é o justo repositório das esperanças revolucionárias, é necessário explicar porque ele não tem existido desde sempre — é o que cabe à história. no plano geral, isto é claro: o desenvolvimento da sociedade conduz, em dado momento, ao aparecimento da classe operária, a qual, por sua vez, de "classe em si" desenvolve-se até que se lhe apresenta a necessidade de representar-se politicamente e, desta forma, tornar-se "classe para si". Está então colocada a necessidade do Partido Comunista, a "condição objetiva" de seu aparecimento. Conjugando-se a ela a "condição subjetiva" representada pela existência de uma minoria combativa, consciente da exploração e opressão capitalistas e dos meios de eliminá-las, que toma em suas mãos a luta pela emancipação do proletariado e pela destruição da sociedade de classes, reúnem-se as condições de engendramento. A partir desse momento, a classe operária tem uma vanguarda a quem confiar o seu destino. Mas esta é a História Geral ou o aspecto geral da história. É possível e é preciso exemplificar este movimento com experiências particulares: "a história do PCB demonstra-o claramente..."²

Antes do "princípio" era o caos: o anarquismo.³ Se as tendências anarquistas predominaram no movimento operário brasileiro, em seu período inicial, tal fato só vem demonstrar que até este momento o proletariado ainda não se havia constituído enquanto classe "para si". Desta forma, a prepon-

derância anarquista surge no discurso "histórico" dos comunistas, não como uma resposta política da classe operária ao momento, mas como um logro da história. Como não é possível negar a existência de uma minoria combativa, dotada de espírito revolucionário, ou seja, as "condições subjetivas" para o surgimento da expressão política genuinamente proletária — tanto mais que o passado anarquista dos fundadores do Partido deverá ser justificado exatamente por essa combatividade do anarquismo⁴ — serão, mais uma vez, as "condições objetivas", dimensão "material" da realidade, o recurso acionado como elemento definitivo da argumentação de Astrojildo.

"Escaparia ao plano deste trabalho aprofundar o exame das causas de semelhante fato (o predomínio anarquista no Congresso Operário de 1906). Parece claro, porém, que ele se deve principalmente à própria estrutura econômica semi-feudal do país e, sem conseqüência, à própria formação da proletariado nacional, aliás quase todo de imediata origem camponesa e artesanal, inclusive o que provinha de correntes migratórias, facilmente influenciável pela ideologia pequeno-burguesa do anarquismo".

A Formação do PCB. p. 46.

40

A predominância do anarquismo — ou sua influência enquanto ideologia pequeno-burguesa sobre o movimento operário brasileiro é explicada, não pelo espaço ocupado pela classe operária no processo produtivo e menos ainda pelas tensões políticas constitutivas da conjuntura analisada, mas pela procedência social do proletariado, sua "origem artesanal e camponesa".⁵ Mas o "materialismo" de Astrojildo não se contenta com esta "demarche" teórica. É necessário remeter a "origem social" à estrutura econômica ("semi-feudal") do país — paradigma último da realidade "objetiva".

Todavia, é preciso abrir uma brecha neste quadro para explicar o surgimento do PC. É necessário descobrir na história — e, tanto quanto possível, na estrutura econômica — as premissas do seu aparecimento. Retomando a fala de Astrojildo, encontramos, em seguida ao trecho citado anteriormente, o seguinte:

"A par disso, no entanto, havia uma certa tradição de luta operária (já não falando das lutas seculares dos escravos), que vinha desde os meados do século passado — por exemplo, a grande greve dos tipógrafos do Rio de Janeiro, em 1858. Creio que este último fato explica em grande parte até que ponto o espírito de revolta reinante nas massas de trabalha-

dores – e produzido, obviamente, pelas duras condições de trabalho a que eram sujeitos – viria a favorecer entre nós o surto do anarquismo, uma vez que o socialismo – confuso e vago socialismo – se apresentava aqui quase sempre sob as vestes do mais frouxo reformismo, que apenas de nome ouvira falar de Marx e do marxismo”. A Formação do PCB. p. 46.

Ao mesmo tempo em que é explicada pelas condições “objetivas”, a predominância do anarquismo é associada, por este discurso analítico, à existência, por um lado, de um socialismo confuso, vago e reformista, ou seja, ao vazio político, e, por outro lado, de uma certa tradição de luta operária, explicável pelo espírito de revolta das massas trabalhadoras, o qual, por sua vez, se originaria das duras condições de trabalho. Aqui, também, é ao “real” – o “social” e o “econômico” – que a argumentação apela em última instância, embora o caráter da determinação evocada seja distinto do assinalado no caso anterior. Se a procedência rural e a estrutura econômica semi-feudal do país são as principais causas da preponderância anarquista, é também um fator derivado da estrutura social – a revolta causada pelas condições de trabalho – que revela, na existência deste predomínio, a possibilidade de sua superação.

41

O “Princípio”

“As grandes greves e agitações de massa do período 1917-1920 puseram a nu a incapacidade teórica, política e orgânica do anarquismo para resolver os problemas de direção de um movimento revolucionário de envergadura histórica, quando a situação objetiva do país (em conexão com a situação mundial criada pela guerra imperialista de 1914-1918 e pela vitória da revolução operária e camponesa na Rússia) abria perspectivas favoráveis a radicais transformações na ordem política e social dominante”. A Formação do PCB. p. 61.

A incapacidade do anarquismo é a causa de sua derrota, cuja história escreve-se como o hino mais solene em homenagem ao inevitável. No conforto do futuro, a fala do historiador revela a falência anarquista como se tudo se houvesse passado sem tensões, como se não houvesse existido luta, disputa, ou como se esta fosse um elemento secundário, destinado apenas a concretizar uma virtualidade já de todo presente no “real” – uma vez mais como necessidade “objetiva”. Falando da formação do Partido como fato e não como luta, este discurso inscreve no passado sua própria convicção, trans-

formando-a em evidência histórica. Mas não é possível fazê-lo impunemente: sua trama o obriga a defrontar-se com seu próprio ardil.

Tanto quanto o predomínio, a falência do anarquismo explica-se pelas "condições objetivas". Mas aí já não se fala da mesma coisa. Não é a origem social do proletariado que se altera, fazendo surgir uma classe operária imune aos vícios pequeno-burgueses devidos à herança artesanal e rural.⁶ Tampouco se assinala uma modificação substancial na estrutura "semi-feudal" do país. As "condições objetivas" de que se trata aqui são de outra natureza, aproximando-se muito daquilo a que o autor se refere, em outra parte, como as condições... "subjetivas" — o aparecimento de um movimento revolucionário "de envergadura histórica" e a situação política internacional.⁷

O próximo passo será então a narrativa da origem — rito de passagem que os militantes atravessam em seu caminho revolucionário. Resumindo o conjunto disperso das metáforas-experiências, a memória comunista compõe, na voz de Astrojildo, o tecido impalpável de uma meta-histórica que se realiza antecipadamente em sua promessa: A Revolução, e em seu instrumento: o Partido.

- 42 *"A bancarrota do anarquismo fora total e com ela ficou encerrado um largo período da história do movimento operário brasileiro. O consequente surgimento do Partido Comunista, ao mesmo tempo que assinalava o início de um novo período, era também a revelação de que as lutas precedentes haviam produzido um rápido amadurecimento político da classe operária brasileira, que assim mostrava compreender qual o papel histórico que lhe caberia à frente da revolução social e nacional em marcha". A Formação do PCB. p. 61.*

O significado histórico do aparecimento do Partido é inequívoco: ele assinala "o início de um novo período" na história do movimento operário. Da mesma forma, é evidente o seu alcance, a dimensão social de que se reveste sua formação: não se trata apenas da criação do Partido, mas da emergência definitiva da classe operária; o advento irreversível do proletariado enquanto agente histórico e político efetivo. O nascimento do PC marca, além de tudo, um ajuste de contas do movimento operário com o seu passado, o momento decisivo em que a classe operária livra-se da influência perniciosa da ideologia pequeno-burguesa do anarquismo, tomando consciência do seu verdadeiro papel. O Partido é o duplo "princípio": o ponto de inflexão na história que marca o verdadeiro começo do movimento operário e o *Princípio da inteligibilidade* a partir do qual sua história passará a ser compreendida.

Origem

Para a memória comunista, buscar as origens é também procurar fundar, no passado, a sua legitimidade; justificar através da história, suas pretensões atuais de liderança; revelar a sua própria história como o teorema da necessidade: antes que portador de uma proposta política, o Partido Comunista é o repositório da experiência histórica do proletariado, a expressão orgânica de seus interesses mais gerais, a materialização de sua consciência de classe.

Se em 1962 é preciso mostrar a necessidade histórica de um Partido que, da clandestinidade, se lança como legítima liderança do proletariado e de todo o povo; se é preciso, para legitimá-lo, reafirmar que o seu destino liga-se indissolavelmente à história do próprio país, em 1922 impunha-se recorrer à imagem da necessidade histórica para qualificar o PCB como instrumento de organização e direção da classe operária.

Mas o que é necessário vem e devém, segundo esta visão, inevitavelmente, numa trajetória suave e ascendente, à qual somente fatores externos podem impor "desvios" provisórios. Seu aparecimento — e este é o segundo sentido da origem — é um ato natural de desdobramento do passado. Daí porque a memória da "origem" elimina suas tensões constitutivas.

A história da formação do PCB não seria, portanto, a de uma luta ideológica. Sua disputa com grupos anarquistas pela direção do proletariado não seria mais que o confronto entre o certo e o errado, a ciência e a mistificação, o legítimo e o espúrio, o real e o imaginário, o bem e o mal. E esta não é apenas a reconstituição condescendente da memória "histórica", mas também a convicção do discurso militante. 43

A história da formação do PCB surge, então, não como a da luta pela hegemonia sobre o movimento operário, mas como a história da asunção de sua verdade pelo proletariado; a posse de um direito, a realização de um dom.

No discurso da memória comunista, o movimento e a luta dissolvem-se para dar lugar a monumentos "históricos": o que fora possibilidade torna-se necessidade. Nele omite-se o fato de que a história da formação do PCB é o relato da vitória dos comunistas sobre os anarquistas. Mumificado o movimento, fixado o seu lado externo, não resta mais que um arremedo, uma tímida simulação do que fora a luta.

Redenção

A "origem" opera como o espelho fundador da identidade revolucionária do Partido: o vértice imaginário onde o vértice do mundo se traduz em história; percurso previsível do sujeito; rota de sua sede insaciável: avidez de pleni-

tude. Mas o círculo da origem não chega a se completar se não se formula, a partir dela, a promessa redentora: a Revolução; e se esta não se traduz imediatamente: o além-vivido-aqui nos labirintos do caminho: a fé, promessa de eternidade; o Partido, promessa da Revolução; o Poder, promessa de si mesmo.

Como pêndulo, a unir suavemente extremos em torno do seu centro, o Partido transfigura o particular em universal, o Poder em Revolução e a Revolução, novamente, em Poder, para recriar o mundo na promessa de que é feito: o "real" - modo diverso de ser do além. E assim, situado entre a origem e o fim da história, o Partido se exime de dizer o que é, suposta margem a existir apenas para conduzir o rio ao mar; sem revelar que leito, margem, caudal e destino são o mesmo rio; simulando, no rio, a vontade de mar; dissimulando sua vontade de poder.

A Redenção - a Revolução - se oferece no futuro, como "outro" a ser conquistado; poder a ser alcançado por esta estrada singular que é o Partido. E ao se dar como fala da história ("corpo do mundo"), o Partido oculta seu percurso e disfarça a história - corpo do devir, devir do corpo -, onde a ordem, a lei, a norma e a memória não estão presentes senão como vitória: derrota de corpos emudecidos.

44 Mas a genealogia deste discurso da "origem" revela o Partido gerando estes corpos ventríloquos que pretendem traduzir em ação o seu desespero, exorcizando a própria mudez com sua cegueira disciplinada: a certeza de que a tautologia da necessidade só expressa a necessidade da tautologia.

Discurso de antecipações e revisões, a fala de Astrojildo Pereira em torno da formação do PCB institui a linearidade a partir da "origem". Nele, o Partido torna-se, mais que uma necessidade, um dogma: a vida destituída de sua fluidez e de suas tensões constitutivas; a palavra transformada em norma sob o disfarce de realidade "objetiva".

Nomeando o mundo segundo sua memória, o discurso comunista pretende conferir-lhe a legitimidade que presume deter, para, no movimento recíproco, se apropriar de sua materialidade, constituindo assim o círculo mágico do "real": o espaço régio do poder. Tautologia, embora constituído por antinomias, este discurso faz do Partido a mais perfeita apologia do poder, revelada no círculo da necessidade: mirando-se na lógica, mas tendo de fazer da contradição a sua própria substância. Porém, aí já não se trata mais de "dialética".

"Duplipensar quer dizer a capacidade de guardar simultaneamente na cabeça duas crenças contraditórias, e aceitá-las ambas. O intelectual do Partido sabe em que direção suas lembranças devem ser alteradas; portanto, sabe que está aplicando um truque na realidade: mas pelo exercí-

cio do duplipensar ele se convence também de que a realidade não está sendo violada. O processo tem que ser consciente, ou não seria realizado com precisão suficiente, mas também deve ser inconsciente, ou provocaria uma sensação de falsidade e, portanto, de culpa. O duplipensar é a pedra basilar do Ingsoc, já que a ação essencial do Partido é usar a fraude consciente ao mesmo tempo que conserva a firmeza de propósito que acompanha a honestidade completa. Dizer mentiras deliberadas e nelas acreditar piamente, esquecer qualquer fato que se haja tornado inconveniente, e depois, quando de novo se tornar preciso, arrancá-lo do olvido o tempo suficiente à sua utilidade, negar a existência da realidade objetiva e ao mesmo tempo perceber a realidade que se nega — tudo isso é indispensável. Mesmo no emprego da palavra duplipensar é necessário duplipensar. Pois, usando-se a palavra admite-se que se está mexendo na realidade; é preciso um novo ato de duplipensar para apagar essa percepção e assim por diante, indefinidamente, a mentira sempre um passo além da realidade. Em última análise, foi por meio do duplipensar que o Partido conseguiu — e, tanto quanto sabemos, continuará, milhares de anos — deter o curso da história”.

(George Orwell: 1984, 8ª edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1975. p. 200).

45

NOTAS

- (1) “É claro que a existência de condições objetivas por si só não basta para explicar o surgimento do Partido; é preciso que tais condições objetivas se conjuguem a um mínimo de condições subjetivas, como sejam, em primeiro lugar, o espírito revolucionário e a vontade de luta em favor do socialismo.” Cf. Pereira A.: “A Formação do PCB” Ensaio Histórico e Político. São Paulo, Alfa-Omega, 1979. p. 43.
- (2) “... a existência do Partido Comunista, genuína representação política da classe operária, é uma necessidade histórica inelutável, colocada perante os homens em determinada fase do desenvolvimento da sociedade. A história do PCB demonstra-o claramente (...)”. Id. Ibid. p. 42.
- (3) “O que é fato é que o anarquismo, sobretudo em sua forma anarco-sindicalista, predominou no movimento operário brasileiro durante os anos de 1906 a 1920”. Id. Ibid. p. 47.

“Noutras cidades, como Rio de Janeiro, Recife, São Paulo, etc. onde camadas mais avançadas do proletariado foram sempre quase que exclusivamente influenciadas pelos anarquistas, muitos militantes demonstraram,

desde a primeira hora, fundas sympathias pela obra do Partido Comunista Russo e da Terceira Internacional. Todavia, só lentamente, mercê das lições e experiências da Revolução Russa e pela leitura directa da literatura bolchevista, foi a ideologia mais ou menos chaótica até então predominante se transformando e firmando num sentido marxista". Cf. "Nosso Congresso" – informe da Comissão Central Executiva do PCB. Movimento Comunista. Rio de Janeiro, I (7): 177, junho de 1922.

- (4) É interessante observar que quando se trata de estabelecer uma linha de continuidade que justifique o passado anarquista dos comunistas, Astrojildo apela para a capacidade e combatividade individual dos militantes. Assim, por exemplo, ao referir-se às manifestações anti-belicistas de militantes operários brasileiros, Astrojildo afirma: "Em suma, podemos afirmar que os melhores elementos do proletariado, os mais capazes e combativos, mantendo-se fiéis ao internacionalismo proletário e condenando tenazmente a guerra imperialista, conseguiram realizar, durante a Primeira Guerra Mundial e sem embargo das debilidades e deformações da ideologia anarco-sindicalista, uma tarefa meritória de mobilização das massas populares no sentido da luta em defesa da paz". A Formação do PCB. p. 56.
- 46 (5) Não deixe de ser interessante lembrar que este mesmo "fator" – a origem camponesa de um proletariado recente – tem servido em diferentes contextos teóricos e em relação a situações historicamente distintas, para explicar fenômenos contraditórios, quando não simplesmente opostos: a passividade ou atividade política do proletariado (os "casos" brasileiros e russo, por exemplo, na tradição sociológica); sua refratariedade ou receptividade a projetos revolucionários "consistentes" etc.
- (6) Ao contrário, tudo indica que o fim da imigração teria sido acompanhado pelo êxodo da população rural que viria a fornecer os novos contingentes da classe operária.
- (7) Evidentemente, o "materialismo histórico" obrigará Astrojildo a procurar a base econômica para a emergência do que ele chama "um movimento revolucionário de envergadura histórica", tarefa na qual não conseguirá, contudo, ser muito convincente.

No capítulo "Alguns dados Econômicos", d' A Formação do PCB, ele recorre a dados numéricos para mostrar o desenvolvimento do processo de industrialização, a partir dos quais afirma: "vê-se por aí que o grosso da indústria brasileira surgiu no período de 1905 a 1919. Sabe-se ainda que cerca de 5.940 estabelecimentos, quase metade dos 13.336 recenseados em 1920, foram instalados durante os anos de 1915 a 1919, precisamente no

período da Guerra". (p. 65). No entanto, ao assinalar o aspecto até certo ponto temporário daquele processo, é obrigado a ponderar: "Mas o impulso da industrialização ocasionado pela guerra trazia no bojo vários fatores de natureza temporária, cujo definhamento, inevitável após a cessação das hostilidades, só não provocou maiores perturbações porque tarifas alfandegárias elevadas, e com estas uma contínua depressão cambial, amparavam a produção nacional. Quer dizer: aqueles fatores, temporários, foram de certo modo substituídos por fatores permanentes, os quais, no entanto, impregnavam certos ramos das novas indústrias de tal ou qual feição parasitária e daí, em parte pelo menos, muitas das debilidades que se refletiam sobre o processo geral de industrialização e, também, em muitos casos, sobre a situação da classe operária.

"De tais circunstâncias, acrescidas a outras, algumas das quais vinham de longe (Caio Prado Júnior exemplifica: debilidade do mercado interno, dificuldade de transporte, deficiência técnica) só podia resultar o que de fato resultou, como regra geral, uma indústria de baixo nível qualitativo". (p. 67).

Ou ainda: "Falamos acima em concentração industrial, e portanto de operários, em certas regiões. Expliquemos: não era questão de concentrações técnicas, traduzidas em grandes unidades ou organizações industriais, a não ser, em parte, a dos frigoríficos americanos e ingleses; tratava-se antes de concentrações, em alguns pontos do território nacional, de numerosos estabelecimentos do tipo médio e pequeno. "A maior parte da indústria brasileira" - escreve Caio Prado Júnior - "continuará como dantes largamente dispersa em unidades insignificantes, de rendimento reduzido e produzindo exclusivamente para estritos mercados locais". (pp. 67/68). 47

No que se refere, por outro lado, à estrutura agrária do país, Astrojildo afirma, comentando os dados do censo de 1920: "Os dados acima sobre as propriedades agrícolas evidenciam a olho nu o absoluto predomínio do latifúndio nas mãos de reduzida minoria de grandes proprietários. A par disso, e em consequência, o enorme atraso nos métodos de trabalho, com a existência de apenas 1.706 tratores computados em todo o país." (p. 64)

Ou seja: por um lado, uma industrialização instável, temporária, gerando uma indústria de baixo nível qualitativo, "dispersa em unidades insignificantes". Por outro lado, a manutenção da estrutura econômica "semi-

feudal" do campo — que é o que certamente significam para Astrojildo a predominância do latifúndio e o atraso técnico. Portanto, um quadro muito pouco ortodoxo para explicar a emergência de "um movimento revolucionário de envergadura histórica". Mas a obsessão "materialista" em vincular o movimento operário à constituição empírica da classe operária e a sua expressão numérica obriga Astrojildo a arrematar inconclusivamente: "Todavia, o que mais importa observar, no caso, e Caio Prado Júnior dá o devido destaque a semelhante observação, é que desde então a indústria passou a ocupar posição de crescente relevo no conjunto da economia brasileira. E isto queria dizer, nem mais nem menos, que o Brasil começava a superar a velha e colonial condição de "país essencialmente agrícola". (p. 68 — grifo do próprio Astrojildo).

40. (★) *Astrojildo Pereira Duarte Silva nasceu no Estado do Rio de Janeiro, no ano de 1890. Na adolescência foi admirador de intelectuais republicanos como Benjamim Constant e Rui Barbosa, tendo-se convertido ao anarquismo na juventude, período em que colaborou ativamente na organização e propaganda anarco-sindicalista. Converteu-se ao marxismo no período que se seguiu à Segunda Revolução Russa, tendo formado, em novembro de 1921, o "Grupo Comunista do Rio de Janeiro", que, a partir de janeiro de 1922, edita a revista Movimento Comunista, a qual viria a ser o primeiro órgão oficial do PCB (Partido Comunista do Brasil), fundado em março do mesmo ano. Após a renúncia do primeiro secretário geral do Partido, Abílio de Nequete, ainda em 22, Astrojildo ocupou este posto até ser afastado em 1930, acusado de conduzir o PCB a uma política de submissão à pequena-burguesia no período das rebeliões militares ocorridas no país durante a década de 20. Em 1932 foi finalmente desligado do Partido. Após a Segunda Guerra Mundial e com a efêmera legalização do Partido, solicitou seu reingresso, através de uma carta de autocrítica que lhe foi, então, exigida, passando a ocupar postos secundários na hierarquia partidária. Foi preso diversas vezes; a última delas em outubro de 1964, pelo governo militar instalado em abril do mesmo ano, sendo solto em janeiro de 1965, a tempo de falcer "em liberdade", aos 75 anos de idade.*

O presente ratigo faz parte da tese de mestrado — "Militância e Poder" — que ora preparamos para a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), São Paulo, sob a orientação da Pro^{fa}. Dr^a. Maria Stella Martins Bresciani.